

## CIVILIZAR E DISCIPLINAR A INFÂNCIA: A ESCOLA PAROQUIAL DO POVOADO DE SERROTE (JACOBINA-BA 1941-1957)

CIVILIZING AND DISCIPLINING EARLY CHILDHOOD:  
THE PAROCHIAL SCHOOL IN THE SERROTE SETTLEMENT  
(JACOBINA-BA 1941-1957)

Tânia Mara Pereira Vasconcelos\*

**Resumo:** Este estudo se propõe a analisar concepções e práticas, relativas à educação da infância, da Escola Paroquial do Povoado de Serrote (BA). Essa escola fazia parte de uma rede de escolas fundadas por um padre austríaco cisterciense na região de Jacobina, contando com o apoio de parte da elite local. A escola paroquial possuía uma estrutura simples, oferecendo ensino primário gratuito para crianças e adolescentes em classes multisseriadas. A idéia de formar um cidadão católico, civilizado, higienizado e disciplinado, constituía o principal objetivo dessa escola; no entanto, havia resistências a esse sistema, identificadas através do cruzamento das diferentes fontes (depoimentos orais, documentos escolares, jornais e fotografias), sendo possível perceber uma distância entre a norma e a prática.

**Palavras-chave:** Escola paroquial – infância - disciplina.

**Abstract:** This study is aimed at analyzing conceptions and practices relating to early childhood education at the Parochial School in the Serrote Settlement. The school was part of a series of schools founded by an Austrian Cistercian Monk in the Jacobina (Bahia) region, relying on the support of the local elite. Characterized by a simple structure, the Parochial School offered free primary schooling for children and teenagers in multigrade classes. The school conveyed ideas in tune with the patriotic and nationalistic values of the Brazilian New State regime, making civism, alongside religion, a strong disciplinary component. The idea of shaping a catholic, civilized, clean and disciplined citizen was the school's principle goal; however, this system faced resistance, identified via comparison of diverse sources (oral accounts, school documents, newspapers and photographs), thus revealing a gap between the norm and its practice.

**Key-Words:** Parochial school – early childhood – discipline

---

\* Professora da Universidade do Estado da Bahia, Mestre em História Social pela USP.  
E-mail: taniahisto@yahoo.com.br.

## Civilizar a infância

*Era uma escola organizada; tinha disciplina. Todos sabiam cantar o Hino Nacional, o Hino da Bandeira. Era um negócio sério mesmo, muito organizado! (...) Tinha disciplina mesmo e horário, era horário britânico. Tinha que chegar na hora e sair na hora. Todo mundo de unha cortada e cabelo penteado. (...) Sentar... os modos de sentar na mesa. (...) Era uma escola completa mesmo. Tinha disciplina mesmo!*

*Florivaldo Magalhães Sousa, ex-aluno<sup>1</sup>*

*Saía na fila, na hora de levantar... soltar. Na hora de meio-dia a professora fazia como quem fazia com um coral, levantava todo mundo, botava pra fazer oração, depois da oração cantava e aí ela saía e ia saindo de um a um... No outro dia quando chegava: "As mãos!" Olhava pra ver se tava com as unhas sujas, as mãos sujas, o ouvido, olhava tudo. Se os dentes não estivessem escovados, ia pro canto.*

*Elisa de Almeida Moreira, ex-aluna<sup>2</sup>*

Civilizar a infância! Esse era um dos objetivos da escola paroquial de Serrote; sua organização e rigidez foram ressaltadas por todos os depoentes.

A escola paroquial atuou no Povoado de Serrote<sup>3</sup> entre 1941 e 1957; ela fazia parte de uma rede de escolas paroquiais fundadas pelo Padre austríaco cisterciense Alfredo Haasler, que chegou ao município de Jacobina em 1938, tendo instalado a primeira escola no ano seguinte. A instalação dessas escolas, que oferecia ensino primário gratuito em uma região carente de escolas públicas, além da realização de outras atividades assistenciais, tornou o padre citado uma personalidade de grande importância política em toda a região.

Em seu depoimento, D. Elisa conseguiu lembrar-se, quase completamente, do conceito de civilidade que teve que memorizar na época da escola para a realização de uma prova oral:

*Ela perguntou, aí eu respondi certinho: "Civilidade é o conjunto de formalidades usadas na sociedade pelas pessoas bem educadas, também tem o nome de cortesia e boas maneiras, consiste em tratar com amabilidade as pessoas mais humildes e com... esqueci... as mais exaltadas." (...) Marcou! Oh, menina, ficou (...) O que é civilidade? Olha, essa palavra me marcou muito.<sup>4</sup>*

<sup>1</sup> Entrevista concedida em 28.12.2004.

<sup>2</sup> Entrevista concedida em 07.09.2008.

<sup>3</sup> O povoado de Serrote, atual município de Serrolândia, pertencia ao município de Jacobina, na Bahia, ficando localizado na região semi-árida do Piemonte da Chapada Diamantina, a 319,9 km de Salvador; iniciou seu povoamento em 1929 e foi fundado como povoado, na década de 1940. Tornou-se vila em 1953, quando teve seu nome mudado para Serrolândia, tendo conseguido a emancipação política em 1962.

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 15.11.2004.

É bastante significativa a forma como esse “conceito”, que foi memorizado para a realização de um exame, ficou guardado na memória da ex-aluna quase cinqüenta anos depois; ele reflete o caráter elitista do ensino católico tradicional. A distinção entre o tratamento que deveria ser dispensado às pessoas mais humildes e às mais exaltadas indica, de certa forma, a justificação e a naturalização das diferenças sociais.

Vários historiadores associam a origem da escola moderna na Europa ao desenvolvimento de um novo sentimento de infância ocorrido por volta do século XVII. Esse contexto foi marcado pela emergência da vida privada no qual o aprendizado das civilidades adquiria cada vez mais importância. De acordo com Greive, as condições que constituíram o ser criança na sociedade ocidental, como o outro do adulto, estão relacionadas à noção de civilização estabelecida na modernidade. A constituição da infância, como uma categoria específica, se deu na própria produção de um novo adulto, envolvendo a perspectiva de diferenciação das classes sociais. O aprendizado das civilidades através de tratados e manuais, que até então se destinava aos adultos, passa a ser adotado nos colégios (2004: 64-66).

Vicent, Lahire e Thin discutem a relação do surgimento da “forma escolar” com a nova ordem urbana que se instala na França a partir do século XVII:

*Colocar todas as crianças – “até mesmo as pobres” – em escolas, aparece como um vasto empreendimento que se poderia chamar de ordem pública, com a condição de não reduzi-lo a simples ato de dominação. Trata-se de obter a submissão, a obediência, ou uma nova forma de sujeição; além disso o aluno aprende a ler por meio de “Civilidades” e não nos textos sagrados (...) Ele aprende a obedecer determinadas regras – maneira de comer, de assoar o nariz, de escrever, etc. – conforme regras que são constitutivas da ordem escolar, que se impõem a todos (...) (2001: 14).*

Nesse sentido, a escolarização se configurou como um dos principais dispositivos acionados pelo poder com vista a disseminar uma infância idealizada, a partir da constituição de uma experiência produzida como homogênea e universal de criança e adulto.

No Brasil, a escola com função civilizadora estava presente na retórica dos republicanos; a partir da idéia de reordenar a população, introduzindo novos hábitos condizentes com uma sociedade civilizada. O ideal higienista foi marcante no período, possuindo um forte teor moralista.

Os ideais de civilidade e higiene, inicialmente voltados para as sociedades urbanas, passam a ser direcionados também à população rural como forma de enquadrá-la em um modelo de modernização, principalmente a partir da década de 1930. De acordo com Duarte, nesse período a expansão da escola para a zona rural foi parte de um processo de

integração e nacionalização de amplos setores da população brasileira (1995: 4-5). Os moradores da zona rural, por seu isolamento, eram considerados como aqueles que se encontravam fora do mercado e dos padrões civilizatórios; a escola traria para eles a luz da ciência, tendo portanto, uma função civilizadora.

A escola paroquial, atingindo majoritariamente uma população rural estava imbuída desses princípios “civilizadores”. A disciplina rígida era uma de suas principais características.

### “Corrigir é amor”: disciplinarização x resistência

*E a disciplina era assim, a gente castigava não é? As vezes a gente fazia sabatina e naquelas horas é que os próprios colegas batiam nos outros, num era tanto a professora que batia era mais... quem sabia mais batia mais, o negócio era esse. E a gente às vezes castigava o aluno não é? Diz que corrigir é amor. Ninguém fazia por maldade, mas por correção e todo mundo respeitava.<sup>5</sup>*

O uso da palmatória, feita pelos próprios alunos nos momentos da sabatina e não pela professora, aparece na fala da professora Isabel talvez como uma forma de amenizar uma prática não mais aceita atualmente, embora saibamos que o uso dos castigos físicos era uma prática muito comum no período pesquisado, nem sempre estando relacionados à sabatina, mas como forma de castigar um “mau comportamento” do aluno.

Del Priore comenta a naturalidade dos castigos físicos como forma de educar as crianças, no período colonial: “A correção era vista como uma forma de amor” (1999: 97). A partir da segunda metade do século XVIII, com a instituição das Aulas Régias, a palmatória passa a ser o principal instrumento de correção.

Kreutz afirma que a disciplina rígida era cultivada como um grande valor nas escolas paroquiais teuto-brasileiras, característica do método jesuítico de Inácio de Loyola. A Restauração Católica era baseada na concepção pedagógica do *Ratio Studiorum* (1586) da Companhia de Jesus. Segundo o autor: “É uma educação que se centra no educador, no intelecto, no conhecimento, sob um rígido esquema de disciplina e hierarquia. Privilegia o adulto, considerando-o acabado, completo, em oposição à criança, que é um ser imaturo, incompleto” (2004: 225). Nessas escolas os castigos físicos eram utilizados pelos professores e aceitos pelos pais.

Na escola paroquial do Povoado de Serrote, esses mesmos métodos eram utilizados. Vejamos como alguns alunos recordam os castigos aplicados pelas professoras:

<sup>5</sup> Isabel de Fátima Lima, ex-aluna e ex-professora paroquial; entrevista concedida em 12.08.2006.

**Elvira:** Botava no canto, ou senão tirava ali do meio, que a gente estudava... daquela sala. Aí botava isoladinho lá. (...) Os alunos danados, a professora batia, puxava a orelha e botava de castigo.<sup>6</sup>

**Reinaldo:** A disciplina era a melhor possível porque os professores eram rígidos, eles faziam questão que os alunos aprendessem. De que maneira? Através de conselhos e pancadas, pra sentir a dor física mesmo (...). Existia naquela época a palmatória furadinha no meio, ardia demais, e a régua, nós tínhamos medo da régua e da palmatória. Com a régua batia no braço, eram lugares escolhidos pelos professores. Isso acontecia quando conversávamos muito e não dava atenção. (...) Se por azar ou por perversidade mesmo quebrasse uma carteira, era um sacrifício, era um martírio pra gente, torturava mesmo. Chegava aqui era pra estudar, pra aprender as boas maneiras, ser educado e nada de estragar nada aqui!<sup>7</sup>

Os motivos para a utilização dos castigos eram diversos, indo desde a suposta falta de aprendizado do aluno até os considerados “maus comportamentos” como: barulho, falta de atenção à aula, danificação de algum material da escola, brigas e provocações, se estendendo ainda a erros cometidos fora da escola, como podemos perceber nesse relato do ex-aluno Reinaldo.

*Eu fui pra uma festa com uma faquinha e passaram pra professora. Ela me deu um dia de castigo, mesmo sendo fora da escola, pois os professores queriam mesmo educar o aluno, isso é lógico! Como eu iria pra uma festa me divertir e levar uma arma pra lá, com qual intenção? Então ela arrancava da gente esse tipo de pensamento. Ela perguntava: “Por que você foi com essa arma pra lá. Lá não é lugar pra diversão, pra brincar? Olhe, você vai fazer o seguinte, os outros vão almoçar e você vai ficar aqui sozinho. Você vai ficar com fome, não vai almoçar só vai sair daqui quatro horas da tarde.”<sup>8</sup>*

Apesar do castigo sofrido, o próprio depoente justifica a atitude da professora. Podemos perceber como a escola exercia um papel de disciplinar os alunos, se envolvendo em questões que ocorriam fora do espaço escolar. Para isso era necessário haver uma rede de vigilância, provavelmente feita pelos próprios alunos.

O papel disciplinador da escola paroquial era conhecido e tido como um elemento de destaque da instituição, sendo valorizado por muitos pais. A professora Isabel, ao ser questionada sobre a existência de alunos insubordinados na escola paroquial, comentou: “Ter tinha, toda escola tem aluno insubordinado, tanto que quando a escola paroquial fechou aqui, teve aluno que ninguém queria aceitar. Nós pegávamos os piores alunos da cidade”.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> Elvira Souza Rios, entrevista concedida em 21.11.2007.

<sup>7</sup> Reinaldo Moreira de Lima, entrevista concedida em 10.04.2007.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Depoimento citado.

De acordo com o ex-aluno Florivaldo o aspecto religioso da escola favorecia uma mudança no comportamento do aluno: “Por que você vê, onde tem religião a coisa muda, socializa muito também. Tinha aula de religião.”<sup>10</sup> D. Elisa também compartilha dessa visão:

*O comportamento dos alunos na escola era bom, porque a escola paroquial catequizava mesmo. Era difícil ter um aluno insubordinado na sala de aula, não tinha. Eu não lembro que tivesse na sala de aula alunos que fizesse esse tipo de coisa, bagunça como a gente vê. Não tinha não! Todo mundo entrava ali, era o mesmo comportamento, como se estivesse na Igreja.<sup>11</sup>*

De acordo com esses depoentes, o “bom comportamento” era consequência da catequização, que atingia a todos. Apesar da maioria dos entrevistados não se lembrarem de haver insubordinação por parte dos alunos, histórias relatadas por duas ex-alunas, bem como registros encontrados na documentação escrita, contrariam essa versão.

D. Elvira se lembra de que apenas os meninos eram insubordinados, apesar de apanharem da professora: “Oxe! Eles inticavam<sup>12</sup> a professora (...) Inticava, não respeitava não! E era na régua e no bolo. Eles não respeitavam, não.”<sup>13</sup> De acordo com a depoente as meninas eram todas “bem comportadas”, o que reflete uma visão tradicional de gênero, na qual as mulheres são mais dóceis que os homens; entretanto, a ex-aluna Vilce relatou um caso de insubordinação cometida por uma aluna: “Eu sei de... professora Paula... a moça... eu não sei o que ela fez. A moça pegou cadeira pra jogar nela. Acho que jogou. (...) Jogou a cadeira, aí... correram tudo em cima pra acudir, né?”<sup>14</sup>

Podemos perceber que a resistência a esse modelo disciplinar se manifestava em vários momentos, por parte de alunos de ambos os sexos, embora nos relatos de grande parte dos depoentes ela não apareça, havendo uma idealização do modelo proposto. As punições para os alunos “insubordinados” eram severas; as principais delas, identificadas nos depoimentos, foram: repreensão verbal ao próprio aluno; queixa dirigida aos pais; isolamento em um canto da sala; castigo físico com palmatória, régua e varinha; puxão de orelha; proibição de saída para o recreio ou no horário do almoço, e finalmente, a expulsão da escola, constituindo a mais grave delas.

Nos livros de matrícula a que tive acesso, correspondentes a nove anos,<sup>15</sup> encontrei vários casos em que a saída do aluno da escola vem acompanhada da observação “desobediência” ou “insubordinação” (7 casos), e “expulso(a)” (3 casos). Os três casos de

<sup>10</sup> Depoimento citado.

<sup>11</sup> Depoimento citado.

<sup>12</sup> O termo *inticar*, no linguajar popular da região tem o mesmo sentido de “pirraçar, contrariar de modo voluntário”.

<sup>13</sup> Depoimento citado.

<sup>14</sup> Vilce Vilas Boas, entrevista concedida em 07.09.2007.

<sup>15</sup> Os livros de matrícula localizados correspondem aos anos de 1941, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950 (incompleto) e 1951.

expulsão estão registrados no mesmo ano, em 1946, no qual aparece também um caso de “desobediência”. Não foi possível encontrar os alunos expulsos nem a professora que lecionou no período, entretanto consegui entrevistar o aluno que aparece com a observação “desobediência”, o Sr. Dermival Vilas Boas e suas duas irmãs, que eram suas colegas de turma. O ex-aluno aos 14 anos cursava a 4ª série, tendo sido matriculado no dia 05 de março e saído no dia 30 de julho. Nesta mesma data, seus irmãos mais novos, Dianor, Dinorá e Dalva, também saíram da escola, tendo sido registrada a seguinte observação: “Eliminados em protesto a desobediência do irmão”.

O Sr. Dermival, embora tenha tido alguma dificuldade para se lembrar de como tudo ocorreu, não se recordando da saída dos seus irmãos da escola, relatou sua versão do fato. Ele afirmou que não foi expulso, mas seu pai o retirou da escola porque ele se sentia discriminado pela professora, achava que ela tinha preferência por outro colega, o aluno Florivaldo, citado anteriormente, o que lhe despertava ciúmes. Vejamos o seu relato:

*A professora tinha mais assim... uma espécie de proteção mais a Flori, e a gente... você sabe que fica ciumentado, aquela coisa! Então a gente achava que qualquer coisinha vinha um castigo pra gente (...) meu pai era muito rígido, e a gente tinha muito receio de falar as coisas com o pai, por que... com medo de apanhar, não é? (...) mas a coisa chegou a tal ponto que meu pai reconheceu que havia uma perseguição pra mim. Eu só... mas quase sempre chegava contrariado, por que a professora, as coisas mais difícil, me botava... pra não acontecer o resultado bom, e as coisas mais fácil era Flori e outros, e aí a gente levava pro meio daquela rivalidadezinha. (...) então quando chegou no meio do ano, aí meu pai me tirou, me tirou não, me levou pra roça, aí eu acabei... foi a última escola que eu tive, foi essa.<sup>16</sup>*

Das irmãs do Sr. Dermival, também entrevistadas, apenas a mais nova, D. Dalva, se lembrou da história, relatando-a com mais detalhes que ele próprio:

*Foi o seguinte: acho que na hora ele saiu da escola, teve um problemazinho. Quando a professora reclamou, ele reclamou ela, aí ela mandou ele sair, ele chegou, pegou o livro na hora e foi pra casa. Aí nós ficamos com receio de pai chegar lá e não aceitar o que ele falasse, você tá me entendendo? A gente achou que pai ia ser contra, aí nós ficamos preocupados, mas, quando a gente chegou lá e contou a pai o que tinha havido, aí pai achou que não, e ele disse: “Pai, eu não volto mais pr’aquela escola.” E ele mesmo falou sério com o meu pai: “Não adianta que eu não vou mais”. Aí ele disse: “Então, meu filho, todo mundo vai sair da escola”. Aí foi aquela coisa, a gente tinha amizade com os colegas, todo mundo ficou chateado e pai disse que não botava e não tinha quem fizesse mais botar, e não botou mesmo, e nós ficamos prejudicados. Que falta que fez, né? Aquele colégio... e nós ficamos sem escola. Esperamos, parece que terminar o ano, pra depois, quando chegou outra professora, foi que nós voltamos.<sup>17</sup>*

<sup>16</sup> Dermival Lopes Vilas Boas, entrevista concedida em 13.04.2007.

<sup>17</sup> Dalva Vilas Boas Matos, entrevista concedida em 24.11.2007.

Os irmãos do Sr. Dermival retornaram à escola no ano seguinte, ficando até a conclusão do curso primário, enquanto que ele não voltou mais a estudar. Apesar do fato ocorrido, o depoente afirma que a escola era muito boa, expressando uma certa auto-culpabilização por não se considerar muito bom nos estudos: “Eu sei que eu achava... os outros também era mais inteligente do que eu, Flori mesmo era... os meus irmãos era melhor do que eu, eu era mais rude, eu era mais chegado a negócio de roça.”<sup>18</sup>

O sistema de hierarquização presente nessa escola provavelmente provocava esse tipo de sentimento em muitos alunos que não se adequavam às exigências impostas. É significativo o fato do pai do Sr. Dermival, apesar de ser rígido com os filhos, ter retirado também seus outros filhos da escola, que só retornaram no ano seguinte, com a troca de professoras. Este fato nos indica uma resistência por parte de alguns alunos e pais contra a excessiva rigidez da escola e, principalmente, contra um sistema classificatório implícito na relação professor-aluno. A concessão do privilégio aos “melhores alunos” de uma proximidade maior com a professora e a discriminação dos outros faz parte desse sistema normatizador. A ex-aluna Elvira também relatou que havia proteção a algumas alunas que tinham maior proximidade com as professoras.

Os outros casos encontrados de saída de alunos por “desobediência” ou “insubordinação” ocorreram em 1944 (uma aluna e um aluno), em 1946 (duas alunas e um aluno) e em 1947 (um aluno). Nos livros de 1948 a 1951, não aparece mais nenhum desses registros. Não tive acesso aos livros posteriores a essa data. D. Isabel, que foi professora em Serrote por volta de 1955, afirmou nunca ter expulsado um aluno: “Porque todo mundo me respeitava e eu também amava meus alunos.” No entanto, se lembra que era uma recomendação do Padre Alfredo: “Quando tinha um insuportável a gente expulsava, Padre Alfredo exigia. Dizia ele: Para não prejudicar os outros, né? Quem não queria nada, não ficava.”<sup>19</sup>

Nos livros pesquisados, correspondentes a nove anos, foram encontrados sete registros de saída de alunos com a observação “desobediência” ou “insubordinação” e mais três casos de expulsão, o que indica serem essas ocorrências muito presentes nessa escola, especialmente entre os anos de 1944 a 1947. Contrariando a idéia de que apenas os meninos eram rebeldes, expressa pela ex-aluna Elvira, dos dez alunos envolvidos nessas ocorrências, cinco eram meninas, tendo inclusive duas delas sofrido a penalidade da expulsão. A partir de 1948 esses casos desaparecem, o que me leva a pensar em duas hipóteses: teria havido a partir desse momento um maior afrouxamento da disciplina ou os alunos se adequaram a ela, tendo sido realmente “catequizados”, como supõe a depoente

<sup>18</sup> Depoimento citado.

<sup>19</sup> Depoimento citado.

Elisa no depoimento apresentado anteriormente. A segunda hipótese me parece menos provável, pois não acredito na possibilidade da disciplina se impor de tal forma a ponto de não haver resistências a ela.

A disciplina escolar teve origem na disciplina eclesiástica, sendo os jesuítas os primeiros a chamar a atenção para a especificidade infantil. Segundo Ariès, “ela era menos um instrumento de coerção do que de aperfeiçoamento moral e espiritual e foi adotada por sua eficácia por que era a condição necessária do trabalho em comum” (1981: 191). Julia também destaca o papel dos jesuítas no desenvolvimento da disciplina escolar, ao fazer um estudo comparativo de duas versões do *Ratio Studiorum* (Século XVI) conclui que:

o colégio deixava de ser apenas um local de aprendizagens de saberes para tornar-se também um local de incorporação de comportamentos e hábitos exigidos por uma ‘ciência de governo’ que transcendia e dirigia a formação cristã e as aprendizagens disciplinares (FARIA FILHO, & VIDAL, *apud* JULIA, 2004: 144).

A partir das análises de Michel Foucault foi possível pensar a disciplina como um novo tipo de poder, uma das grandes invenções da sociedade burguesa. “É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância” (1993: 187). As disciplinas têm como principal objetivo a normatização, através do adestramento dos corpos. A punição no sistema disciplinar funciona através do mecanismo gratificação-sanção.

*A divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar. (...) A disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares. (...) O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição. (FOUCAULT, 1999: 151)*

Podemos identificar na escola paroquial de Serrote um sistema disciplinar baseado na hierarquização, através de promoções e brindes. No livro de termos aparece uma distribuição de prêmios aos “melhores alunos” durante quatro anos; vejamos um trecho da ata do ano de 1949:

*Foram premiados os seguintes alunos: em comportamento, a aluna Júlia Mendes de Sousa, em aplicação a aluna Maria Madalena Miranda e Isabel Santos Lima, em religião. Terminando a leitura das notas com palmas e hinos em homenagem aos mais aplicados (...).*

A necessidade de distinção em relação aos colegas é bastante enfatizada nas atas. A construção de uma hierarquia de lugares se dava por meio da competição e da comparação. Os valores destacados nessa escola não se restringiam à aprendizagem do aluno, mas também ao bom comportamento e à piedade religiosa. Os alunos premiados e

homenageados se destacavam como exemplos a serem seguidos pelos outros colegas e para a sociedade de uma maneira geral.

Nesse sistema meritocrático, além da classificação dos alunos por notas, podemos perceber uma classificação mais sutil que se dava através da vigilância do seu comportamento dentro e fora da escola; assim, as gratificações para os melhores alunos era um contraponto às punições para os insubordinados. A idéia de formar um cidadão civilizado, católico, higienizado e disciplinado constituía o principal objetivo dessa escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª Ed, Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes In: FREITAS, Marcos Cezar de & KUHLMANN JR, Moysés (orgs.). **Os Intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

DUARTE, Geni Rosa. **Rumo ao campo: a civilização pela escola**. São Paulo, 1910/20/30. São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação).

FARIA FILHO, Luciano M. & VIDAL, Diana G. A cultura escolar como categoria de análise e como espaço de investigação na história da educação brasileira. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, vol. 30, nº 1, p. 139-160, jan./abr. 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20ª Ed, Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 20ª Ed, Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GÉLIS, Jaques. A individualização da criança. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes** (vol. 3). São Paulo: Cia das Letras, 1997.

GONDRA, José G. “Modificar com brandura e prevenir com cautela”: racionalidade médica e higienização da infância. In FREITAS, Marcos Cezar de & KUHLMANN JR, Moysés (orgs.) **Os Intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

GREYVE, Cynthia. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano M. de (org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações** (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KREUTZ, Lúcio. **Professor paroquial: magistério e imigração alemã**. 2ª Ed. Pelotas: Seiva, 2004.

KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada**: da Renascença ao Século das Luzes (vol. 3). São Paulo: Cia das Letras, 1997.

VICENT, Guy, LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. São Paulo, 2001, p. 7-48.

Recebido em *Janeiro* de 2010

Aprovado em *Mai*o de 2010

*Dossiê: Infância, Adolescência e Juventude: Olhares sobre o passado e o presente.*